

**O RETRATO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: uma análise
de seus fundamentos sociais**

*THE PORTRAIT OF INFORMATION SCIENCE: a proposal
of analysis of its social fundaments*

Leonardo Vasconcelos Renault - renault@eci.ufmg.br

Ronaldo Martins

Mestrandos em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais (ECI-UFMG)

Resumo

Apresenta a fundamentação social da ciência da informação através de três autores da área: Capurro, Shera e Wersig. Em cada um dos autores procurou-se identificar traços que contribuiriam para a fundamentação da Ciência da Informação como uma ciência com características sociais. Segue-se uma argumentação de cunho epistemológico acerca da possibilidade da Ciência da Informação, como ciência social, avançando na definição de seu objeto mediante comparação com a área de Comunicação Social. Por fim, uma última imagem, da ordem da metáfora tenta posicionar a Ciência da Informação, como ciência social com características hermenêuticas.

Palavras chave: Ciência da Informação. Epistemologia. Hermenêutica. Ciências Sociais.

1 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO CIÊNCIA SOCIAL

Circunscrever a Ciência da Informação em uma perspectiva social ou, ainda, mostrar as razões primeiras que fundamentariam a sua demarcação como ciência essencialmente humana e, portanto, social, nos coloca diante de um imbricado estado de coisas. Primeiramente, a discussão permearia o que define uma ciência, ou seja, o seu objeto, e as relações a que este objeto estaria sujeito. Talvez as perguntas fossem: o que é; e qual a natureza do nosso objeto? Parece, entretanto, que as nossas perguntas já estariam respondidas, uma vez que já denominamos este campo de ciência e elegemos *a priori* o seu objeto: a informação.

Informação é tudo aquilo que nos rodeia. Ao contrário, poderíamos argumentar, é somente aquilo que comunica sentido a outrem. No entanto, o que definiria essa esfera da realidade onde a informação adquiriria autonomia e singularidade? Adiante teríamos também que perguntar pelo real empírico onde essas entidades operariam. Em seguida, delimitaríamos a

sua linha de produção, os homens que trabalham com a informação, moldando-a conforme sua necessidade social, imperativamente econômica e fadada a se valorizar.

Voltemos, pois, à discussão anterior: o que caracteriza uma ciência como da ordem do social? Vários seriam os caminhos para responder a essa pergunta. Preferimos ficar com Weber, para quem a distinção entre as ciências naturais e as ciências da cultura era um tema recorrente. Segundo Weber, as ciências sociais têm como objeto as ações humanas dotadas de sentido. Além disso, Weber inaugura o conceito de “sociologia compreensiva”, o que permite associá-lo às formulações hermenêuticas, embora o autor não utilize esse conceito em sua obra¹. Em relação a outros autores das ciências sociais,

Weber é tido como o fundador da Sociologia Interpretativa ou Sociologia Compreensiva, na medida em que formula o conceito de ação social, que é a ação do indivíduo dotada de significado para ele - no que difere radicalmente do conceito de fato social em Durkheim. Sua obra sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo busca explicar o desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos, não a partir da idéia de progresso linear das sociedades ou das funções de cada parte no todo (funcionalismo) ou das condições materiais, econômicas, ou do conflito de classes originado pela distribuição dos modos de produção (marxismo), mas a partir do "espírito do capitalismo", isto é, do ethos, da atmosfera de valores de uma determinada população, das crenças e significados atribuídos às suas ações. (ARAÚJO, 2003, p.24)

Quanto ao avanço e à maturidade das ciências sociais, “Weber parece estar mais à vontade com sua idéia de que as ciências da cultura, na verdade, desfrutam sua ‘eterna juventude’”. Ou penam por ela”. (PAIVA, 1997, p. 108).

Poderíamos complementar essa idéia de “eterna juventude” com a metáfora de Oscar Wilde em sua obra “O retratado de Dorian Gray”, onde, na exaltação da juventude e da beleza de Dorian Gray, lorde Henry² nos brinda com um mordaz comentário: “só o medíocre não julga pelas aparências”.

¹ Na obra de Ivan Domingues, “Epistemologia das ciências humanas”, esse assunto é discutido com maior profundidade.

² Personagem do livro: O retrato de Dorian Gray

Os encantos das ciências sociais talvez não sejam tão sedutores quanto a jovialidade de Dorian Gray, muito embora algumas das disciplinas que compõem o seu escopo de discussão desfrutem de algum prestígio social. Entre elas, a Ciência da Informação aparenta estar sendo contemplada com esse *status* acadêmico. Resta-nos olhar no espelho, verificar a nossa aparência e ver se guardamos a sedutora beleza da jovialidade.

Diante desse quadro, iremos abordar três contribuições que nos parecem especialmente relevantes para o desenvolvimento teórico de uma perspectiva social para a Ciência da Informação: a epistemologia social de Shera, a abordagem de Wersig e a hermenêutica de Capurro. Assim, o objetivo do artigo é discutir três possibilidades, baseadas nos autores citados, de desenvolvimento da Ciência da Informação enquanto uma ciência social, culminando na proposta de uma formulação hermenêutica para a área. Ressalta-se ainda que a opção por Shera, Wersig e Capurro se baseou na orientação social de suas teorias para a Ciência da Informação. Isso não quer dizer que não existam outros autores que trabalhem a perspectiva social na área de Ciência da Informação. Contudo, o nosso objetivo foi reunir três autores considerados relevantes para a área e discutir a contribuição dos mesmos, sugerindo ao final do artigo uma inclinação hermenêutica para a Ciência da Informação.

2 A EPISTEMOLOGIA SOCIAL DE SHERA

Coube a um pioneiro na busca da automação para os sistemas de recuperação de informações a tarefa de desenvolver uma abordagem social que viria a competir com os paradigmas cognitivo e físico (CAPURRO, 2003). Jesse Shera é um dos autores que mais contribuiu, desde meados do século XX, para o desenvolvimento de uma teoria da biblioteconomia.

Embora seja reconhecido por este esforço inicial de buscar soluções para o armazenamento e o uso do conhecimento registrado, Shera nos parece muito mais relevante ao propor o conceito de epistemologia social, que vem a ser a sua principal contribuição para o

desenvolvimento teórico da CI como uma Ciência Social. Durante quatro décadas de produção acadêmica, Shera deixa de ser apenas um teórico da biblioteconomia para tornar-se um pesquisador preocupado com as relações entre informação e conhecimento no campo da CI.

Em 1949, surgiram os primeiros sinais da reflexão que levou Shera à proposta de uma nova disciplina para estudar a comunicação do conhecimento registrado (ZANDONADE, 2003). Naquele ano, Shera e sua colaboradora Margaret Egan adotaram o termo “controle bibliográfico” para se referir à documentação. Em 1951, eles passaram a utilizar a nomenclatura “organização bibliográfica”, como resposta às pressões daqueles que consideravam a conotação de censura na palavra “controle”.

A utilização dos dois termos levava à busca de uma “teoria da armazenagem e recuperação da informação”, considerada por Shera e Egan como a base da Ciência da Informação. Assim ele definia o controle bibliográfico: “os controles bibliográficos são aqueles mecanismos utilizados para orientar a energia intelectual na extração, a partir da totalidade da informação registrada, daquelas porções relevantes para uma determinada tarefa, com a maior rapidez e economia”. (EGAN; SHERA, 1949).

Seguindo a mesma lógica de raciocínio, já na década de 1950, Shera e Egan deixavam claro que, como disciplina acadêmica, a ciência da informação deveria se preocupar com o melhor uso possível dos registros gráficos do conhecimento. Em 1952, novamente com a colaboradora Egan, ele propôs uma disciplina “epistemologia social” para o desenvolvimento de uma teoria da bibliografia (EGAN; SHERA, 1952). Shera havia utilizado o termo pela primeira vez em 1950, em um trabalho sobre classificação.

A proposta da nova disciplina partia do princípio de que a epistemologia tradicional não pode compreender os processos intelectuais da sociedade, na medida em que estuda o conhecimento a partir do indivíduo. Na opinião de Shera, a psicologia, ao transferir os estudos para os laboratórios, produziu avanços no sentido de compreender o

comportamento mental, mas também se fixou no indivíduo; os sociólogos se voltaram para os grupos de indivíduos, mas não se detiveram nas forças intelectuais que integram as estruturas sociais. Daí a necessidade de uma “epistemologia social”, que se caracterizaria pelo estudo daqueles processos através dos quais a sociedade como um todo se relaciona com o conhecimento.

Embora tenha inicialmente se dedicado à busca da automação dos mecanismos de recuperação da informação, Shera entendia que o armazenamento e a recuperação da informação não resolvem por si só o problema da geração de conhecimento na sociedade:

O armazenamento e recuperação da informação, ou fatos, por mais bem feitos e por mais precisos que sejam os mecanismos para que sejam levados a efeito, não tem nenhum valor, se não são utilizados para o bem da humanidade, e é dessa utilização que o homem não ousa abdicar. (SHERA, 1977, p.11).

Todo sistema de informação é formado por uma tecnologia de operação, um conteúdo e um contexto, que é o ambiente social em que qualquer sistema está posicionado. (SHERA, 1971). Para Shera, há um fracasso no entendimento desse contexto quando não se procura compreender como o conhecimento é comunicado e qual impacto ele produz na sociedade.

A conclusão de Shera aponta para a idéia de que a Ciência da Informação deve se perceber como uma ciência social: “a marca da epistemologia social consiste em que ela coloca a ênfase no ser humano e na sociedade como um todo, e todas as suas formas de pensar, conhecer, agir e comunicar”. (SHERA, 1973, p.90). Para ele, diante do avanço da tecnologia, a epistemologia social teria o papel de ser uma espécie de “aculturação da máquina”.

Em 1980, uma das obras clássicas de referência na área da biblioteconomia e ciência da informação, a *ALA World Encyclopedia of Libray and Information Services*, publicou o verbete *Librarianship, Philosophy of*, de Shera, em reconhecimento ao papel que ele desempenhou para a consolidação da biblioteconomia como ciência. Na obra, Shera destaca

a premissa de que as novas formas pelas quais o conhecimento tem se estruturado e tem sido coordenado na sociedade constituem um campo de estudos pouco explorado (SHERA, 1980).

3 A HERMENÊUTICA DE CAPURRO

Uma perspectiva que tem sido muito difundida é a idéia de uma hermenêutica para a Ciência da Informação. No entanto, muitas dessas abordagens focam o trabalho de indexação, enquanto interpretação de informações, como o cerne legitimador desse “*status*” hermenêutico para a Ciência da Informação.

Capurro tem sido um autor que se preocupa em fundamentar a relação entre hermenêutica e Ciência da Informação. Em sua abordagem fica patente a relação de subordinação entre a retórica (coloca a hermenêutica como parte da retórica) e a Ciência da Informação. Entende, pois, a Ciência da Informação como uma sub-disciplina da retórica. (CAPURRO, 1992). Para o autor a concepção hermenêutica poderia ser traduzida como um “ser no mundo em relação aos outros”. Com isso, Capurro pretende contrapor a virada cognitivista, que pressuponha uma relação entre os seres, destituída de contexto³, com a virada pragmática, na qual a informação poderia ser apreendida no nosso modo de interagir com o mundo. A partir daí o autor sugere que a nossa pergunta fundamental seja: para que serve a Ciência da Informação? Em vez de: o que é Ciência da Informação?

Por trás da hermenêutica de Capurro, aparecem com freqüência os filósofos Gadamer e Heidegger. Com Gadamer, Capurro (2000) aponta a saída para o círculo hermenêutico com a dinâmica fusão de horizontes, o que na nossa área tem sido utilizado (inclusive por outros autores) como metáfora para mostrar a cisão entre quem busca e quem disponibiliza a informação. Contudo, é justo que se diga, que Capurro tenta ampliar a aplicação da hermenêutica para além da recuperação da informação, alcançando a dimensão das relações humanas, em busca de um entendimento do “ser no mundo em relação aos outros”. Em

³ Nesse caso o autor se refere exclusivamente a abordagens cognitivistas, pois em estudos mais recentes, como a “cognição situada” o contexto foi incorporado na dimensão entre o ser o meio na qual está inserido.

Heidegger, Capurro (2000) recupera a noção de informação Ge-stell. Em Heidegger o conceito é trabalhado,

(...) com o intuito de ressaltar a ação constituidora da técnica e sua capacidade de produzir coisas, que Heidegger invoca o conceito de armação (Gestell, em alemão). Tendo-o em mente, mostra que a tecnologia não é um instrumento ou um meio, mas um elemento coligador e uma espécie de armadura que molda e instaura o homem à sua medida e conforme sua necessidade (o técnico ou o indivíduo tecnológico), e ao mesmo tempo instala a realidade como instrumento (de acumulação) e como estoque (para consumo). (DOMINGUES, 2004a, p. 163)

Esse conceito recuperado por Capurro quando da construção de uma hermenêutica para a Ciência da Informação parece-nos oportuno, na medida em que salienta a questão da tecnologia como instrumento de acumulação de capital e potencializadora do consumo. De fato, a Ciência da Informação fica muito a depender da tecnologia em alguns momentos, transformando aquilo que chamamos sociedade da informação em sociedade do consumo. Evidentemente que o posicionamento de Heidegger, assim como o de Capurro, é de crítica a esse “estado de coisas”, onde a tecnologia adquire a primazia do discurso, deixando de ser um meio para se tornar um elemento de suposta religação (*reiligare*). Ela se torna, assim, uma espécie de prometeísmo moderno.

Outro ponto interessante encontrado na proposta de Capurro é a idéia de uma “oferta de sentido” e “seleção” que operariam no desenvolvimento da hermenêutica para a Ciência da Informação, onde,

A hermenêutica como paradigma da ciência da informação postula justamente a diferença entre pré-compreensão, oferta de sentido e seleção, tomando como marco de referência, não a pré-compreensão de um sujeito ou usuário isolado, mas a de determinada comunidade assim como a de um campo específico de conhecimento e/ou de ação no qual o usuário está já implícita ou explicitamente inserido. Nesse sentido, o paradigma hermenêutico está próximo da semiótica, assim como do construtivismo e da cibernética de segunda ordem. (CAPURRO, 2003)

A oferta de sentido estaria mais ligada à mensagem, enquanto que a seleção se situa na esfera da informação. Para o autor, a diferenciação entre esses dois conceitos é fundamental

para a construção de uma hermenêutica para a Ciência da Informação. Adiante o autor incorpora esses conceitos à “disseminação seletiva da informação”. Temos assim que,

Todo processo hermenêutico leva a uma explicitação e com ele também a uma seleção. Como dizíamos anteriormente, a diferença em que se baseia a ciência da informação consiste em poder distinguir entre uma oferta de sentido e um processo de seleção cujo resultado implica na integração do sentido selecionado dentro da pré-compreensão do sistema, produzindo-se assim uma nova pré-compreensão. (CAPURRO, 2003).

Posteriormente, Capurro retoma a idéia de “pré-compreensão”, ou “pré-seleção”, para pontuar dentro da Ciência da Informação o conceito de disseminação seletiva da informação. Nesse conceito aponta o reconhecimento do usuário de sua “pré-compreensão” diante da redundância da informação que lhe é selecionada. É interessante dizer que embora haja essa possibilidade de entendimento e associação desses conceitos com a prática do serviço de “disseminação seletiva da informação”, o contrário também pode ser colocado. Ou seja, a disseminação seletiva da informação pode servir a um empobrecimento da compreensão do usuário sobre si mesmo, mediante a redundância e direcionamento do serviço que pode ter a intenção de padronizar as “necessidades de informação” de seus usuários. A proposta, no entanto, é relevante e merece ser levada em consideração, tanto em uma possibilidade quanto na outra.

Outro aspecto recente do trabalho do autor diz respeito ao estudo mais aprofundado da mensagem, no que chamou de “angelética”. Em excelente trabalho de revisão da obra do autor, Matheus (2005) explicita o que seria essa nova abordagem do autor:

A angelética – a teoria da mensagem – representa a proposta mais atual de Capurro para a CI, e pode ser acompanhada por trabalhos futuros de orientação teórica e prática. Tal abordagem destaca diversos elementos a serem observados no estudo das mensagens, mais especificamente: dimensões da mensagem, relativas à forma, ao conteúdo, ao objetivo, aos emissores e aos receptores; natureza, que pode ser imperativa, indicativa ou opcional; aspectos, que podem ser divididos em gerais (relevância, interpretação, seleção), sociais (origem, propósito, estruturas de poder, técnicas, meios de difusão, história) e outros (psicológicos, políticos, econômicos, estéticos, éticos, religiosos); princípios éticos, dentre os quais o

autor destaca o respeito, a confiança e a reserva. (MATHEUS, 2005, p. 163).

Nota-se, em relação a essa nova proposta, a preocupação de Capurro em tornar aplicável a sua teoria para a Ciência da Informação. Se, por um lado, isso pode causar empobrecimento da discussão, por outro não deixa de ser ousado e contribui para o avanço da área de Ciência da Informação. Além do mais, a sua tentativa de aplicação da construção epistemológica que formulou considera aspectos que geralmente não são observados por outros autores quando da aplicação de conceitos na área de Ciência da Informação. Podemos destacar a preocupação com os aspectos sociais e princípios éticos que o autor coloca como categoria de análise da mensagem. No entanto, a opção pela mensagem pode nos colocar diante do problema de distinção entre a Comunicação Social e a Ciência da Informação. Nesse aspecto, no final do trabalho iremos propor uma distinção entre as áreas, que toma por base a idéia de mensagem, sob o ponto de vista da construção metafórica.

Enfim, a hermenêutica de Capurro aponta para o entendimento da área em sua perspectiva social, pragmática, ampliando o escopo dos serviços de informação. No entanto, poderíamos dizer que os argumentos ainda não são tão fortes. Em muitos momentos o autor tenta vincular as reflexões hermenêuticas com aspectos práticos dos serviços de informação, o que de fato reduz o alcance de suas argumentações. É notório, entretanto, o seu avanço na compreensão das relações humanas com a informação, sobretudo na concepção do “ser no mundo em relação aos outros”, pressupondo uma relação dialógica de interação social.

4 WERSIG E A COMPREENSÃO DO OUTRO FACE AO CONHECIMENTO

Wersig (1993) considera a questão do conhecimento um tema central na constituição de uma disciplina a Ciência da Informação. Na opinião dele, a discussão centrada nos sistemas leva a uma desenfreada busca por paradigmas. Como os sistemas são soluções no campo da prática, que raramente se tornam disciplinas, os cientistas tendem a construir paradigmas a fim de demonstrar maturidade científica.

Para Wersig (1993), os cientistas da informação deveriam compreender a mudança do papel do conhecimento para os indivíduos, as organizações e as culturas, que seria a grande transformação da sociedade contemporânea, definida em quatro traços básicos: a despersonalização, a capacidade de compreensão, a fragmentação e a racionalidade.

- a) A despersonalização do conhecimento: antes do surgimento das tecnologias de impressão, o conhecimento era mais ou menos personalizado, sendo organizado pela tradição oral. Com a invenção da escrita, a disseminação do conhecimento se acentuou, mas continuou limitada pela capacidade de escrever. A partir da criação da imprensa e, sobretudo, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação no século XX, o conhecimento se massifica e se desloca do produtor. Esta característica é tão marcante que são muitas as tentativas de se buscar uma nova personalização do conhecimento, através de conferências e workshops, por exemplo, ou de novas tecnologias, como o CD-Rom, as videoconferências e os sistemas multimídia.
- b) A capacidade de compreensão: por um bom tempo, os métodos e as tecnologias de observação eram simples e exigiam pouco esforço de compreensão. Com a sofisticação das tecnologias, das metodologias de pesquisa e das teorias, a compreensão do conhecimento produzido tornou-se mais complexa. Resta ao senso comum acreditar no conhecimento apresentado. Mas, se não se sabe a origem deste conhecimento despersonalizado, em que se deve acreditar?
- c) A fragmentação do conhecimento: Wersig parte do princípio de que é impossível acumular todo o conhecimento disponível, que os diferentes campos de ação se tornaram autônomos (conforme Max Weber) e que há um pluralismo de imagens e pensamentos na nossa sociedade. Com isso, cada campo de estudos gera conhecimento sob condições e padrões particulares. Destaca-se ainda que as tecnologias de exposição do conhecimento não se limitam mais à palavra falada e à palavra escrita, o que provoca uma tripla fragmentação: do conhecimento produzido, representado e demandado.
- d) A racionalização do conhecimento: na sociedade pós-moderna, o conhecimento é mais importante do que nunca. Em primeiro lugar, porque são grandes os efeitos que ele produz na sociedade; além disso, porque o mundo não é mais

explicado por um sistema de crenças, mas pelo conhecimento. Neste contexto, o conhecimento precisa ser empírico, provado e deve ser pragmático, podendo ser seguido por qualquer pessoa.

A idéia assumida por Wersig (1993) de que “informação é conhecimento em ação” é a base para a afirmativa de que o agente da informação é figura central para a disciplina. A premissa aponta para a compreensão de que o conhecimento se transforma em algo que apóia uma ação específica numa situação específica. Com a nova configuração do conhecimento, não é tarefa fácil para os indivíduos, os grupos, as organizações ou as culturas se relacionar com a informação. Neste ponto, tentando auxiliar aos usuários, os sistemas de informação podem tornar o conhecimento ainda mais complexo:

Se checarmos, deste ponto de vista, a história da ciência da informação, podemos compreender que isto pôde ter sido o objetivo primário a que talvez mais tenhamos nos aproximado, precariamente pela construção de sistemas, que até certo ponto fez com que o corpo do conhecimento se tornasse mais complicado que antes (WERSIG, 1993, p.233).

Com essa conclusão, Wersig critica o fato de que a Ciência da Informação tem se preocupado em demasia com os efeitos da tecnologia sobre o uso do conhecimento. Ela deveria estar preocupada em ajudar as pessoas e as sociedades a vencerem a “confusão” do conhecimento na pós-modernidade. Por isso, ele entende que a Ciência da Informação não pode ser entendida como uma disciplina no sentido clássico do termo. Ela seria um novo tipo de ciência que se preocupa mais em como lidar com os problemas:

tal ciência seria estabelecida como um protótipo de uma ciência nova ou pós-moderna. A ciência pós-moderna não é como as ciências clássicas, dirigidas para a busca do completo entendimento de como o mundo funciona, mas para a necessidade de desenvolver estratégias para resolver em particular aqueles problemas que foram causados pelas ciências e tecnologias clássicas. (WERSIG, 1993, p.229)

Para se desenvolver o corpo teórico desta disciplina é imprescindível que não se perca de vista o fato de que ela é marcada pela interdisciplinaridade, sendo influenciada por

disciplinas também fragmentadas. Para a construção de uma base teórica deve-se ter em conta que a Ciência da Informação “é uma ciência preocupada com os seres humanos e com a forma como usam o conhecimento” (WERSIG, 1993, p. 236). A Ciência da Informação deve buscar compreender o processo de transformação a partir do conhecimento, empreendido por atores que podem ser pessoas, organizações ou culturas. Eventualmente, “as configurações tecnológicas” podem auxiliar a esses atores, mas nunca serão os elementos principais da análise.

Interessa-nos reter que a perspectiva de compreensão de como o ser humano utiliza o conhecimento consubstancia a idéia da Ciência da Informação como uma ciência da ordem das questões sociais.

5 UMA ÚLTIMA IMAGEM

Retomemos agora a discussão, ou melhor, a distinção entre a Comunicação Social e a Ciência da Informação. Quando abordamos o conceito de “angelética” de Capurro nos pareceu que estava mais próximo do objeto da Comunicação do que propriamente da Ciência da Informação. Classicamente temos que a Comunicação se ocupa da mensagem enquanto que a Ciência da Informação da própria informação. Contudo, sabemos que essa distinção é difícil porque a mensagem às vezes se confunde com a informação e vice-versa. Em verdade trata-se de um processo, que deveria ser estudado em sua relação com a totalidade do fenômeno. O que então caracterizaria a abordagem do objeto informação na área de Ciência da Informação? Em que, ou sobre que bases, poderíamos dizer que a ciência da informação é uma ciência da ordem da hermenêutica? Antes de tentar trazer respostas prontas a essas questões, deixaremos o leitor com uma última imagem, lembrando que, ao propor a construção de uma hermenêutica para a Ciência da Informação, estamos incorporando as três contribuições analisadas neste trabalho. Temos na Epistemologia Social de Shera a preocupação com a relação face ao conhecimento, estabelecida entre quem disponibiliza e quem busca as informações (centrado no ser humano e na sociedade como um todo). Na abordagem de Wersig temos a idéia de compreensão relacionada à maneira pela qual o ser humano utiliza ou compreende o conhecimento. Já a hermenêutica

de Capurro traz além da proposta em si, ou seja, de apresentar a Ciência da Informação como disciplina que guarda implicações hermenêuticas, uma contribuição interessante que sinaliza na direção de uma hermenêutica compreensiva. Todas essas propostas foram fontes de inspiração para a criação da imagem da ciência da informação dentro de uma perspectiva hermenêutica.

A Comunicação Social, sabidamente, incorporou elementos da Filosofia e da Sociologia para aclarar seu objeto. Por vezes, aparece Hermes (o mensageiro de Deus), como metáfora do processo comunicativo. Não resta dúvida, que a distinção mais importante para a Ciência da Informação é entre a mensagem e a informação. Apesar da Ciência da Informação incluir o sujeito no objeto de sua análise, dizer da mensagem, do ato comunicativo, não caracterizaria o seu terreno. Sobre que outras bases então se constituiria a Ciência da Informação no escopo das ciências sociais? Dificuldade essa que também é apontada por outros autores:

Na medida em que as tecnologias audiovisuais se incorporam ao cotidiano dos indivíduos, estas áreas conexas do conhecimento se expandiram de modo vigoroso e no que diz respeito à especificidade do seu objeto, verificamos que este ainda não se formalizou consensualmente através de uma identidade, que nos permitisse delimitar suas fronteiras e o seu poder de alcance. (PAIVA, 2002, p. 166-167)

Antes de distinguir a Ciência da Informação enquanto disciplina científica, e com isso dizer de seu objeto, cabe um pouco de história, mas não a história dos homens ou a comédia humana, de Balzac. Antes, se começa com uma construção da ordem da metáfora, a fim de engendrar um conceito que ainda não está totalmente formulado.

A opção pela construção metafórica se insere no trabalho com o objetivo de fazer compreender melhor o objeto da Ciência da Informação, pois:

A metáfora aproxima dois entes dando a ver tanto a sua semelhança quanto a sua diferença: ela interpreta e modifica algo, como na tradução, não o recobrando inteiramente, mas conferindo-lhe um acréscimo de ser ou um novo atributo, antes oculto. (BRANDÃO, 2005, p.46).

Sendo a distinção entre a Comunicação Social e a Ciência da Informação muito importante para nós, pela proximidade das áreas e pelo caráter social de ambas, cabe apresentar donde surge a Ciência da Informação no mundo divino, dissociando-a de Hermes (Comunicação Social). Isso porque a formulação hermenêutica é recorrente também na área de Comunicação Social, sendo Hermes considerado como uma metáfora do processo comunicativo, contudo,

Numa abstração filosófica mais rigorosa, os chamados filósofos da interpretação, Cassirer, Ricoeur, Gadamer, entre outros, têm sinalizado direções precisas para compreendermos o sentido dos símbolos, das mitologias e suas repercussões na imaginação coletiva; apesar da altura e profundidade de suas especulações filosóficas, os hermeneutas, ocupados com as questões da realidade, representação, verdade e sentido se orientam nos domínios de uma apurada “imaginação filosófica”, o que exige um nível de abstração mais complexo, entretanto contribuem para o exercício de interpretação das culturas, também no contexto da dita “sociedade da informação”. (PAIVA, 2002, p. 168)

Assim, a metáfora para a Ciência da Informação, enquanto uma disciplina com implicações hermenêuticas, que se propõe aqui, é a da Deusa Íris. Deusa de segunda grandeza, poucas vezes evocada na Grécia antiga, igualmente na literatura e arte, Íris, filha de Taumas e da oceânida Electra, Íris é a personificação do arco-íris. Ora, o arco-íris, em diversas culturas, simboliza a mediação entre este mundo e outro. Em Gênesis 9,12-17, está escrito que o arco-íris traduz a aliança entre Deus e o homem. Dessa forma, Íris se distingue de Hermes, pois além de ser mensageira de Deus, atua como mediadora, representa a aliança entre Deus e o homem e intervém também nos assuntos entre os homens.

A idéia de Íris como representante da Ciência da Informação se revela interessante, pois a informação se insere como algo que pode ser mediado, representado, e sua circulação é via de “mão-dupla”, destituindo a idéia de conhecimento outorgado, imposto às pessoas. Isto não implica dizer que não existam relações de força e de poder na sociedade. Ao contrário, a idéia é reconhecer outras formas de troca de informações, fluxos marginais, concorrentes com a circulação “oficial” da informação.

Também vale a pena explorar a configuração da Deusa Íris no Arco-Íris como algo que foi trabalhado, organizado - no caso pela natureza – com o propósito de fazer sentido para outrem. Outra aproximação promissora diz respeito à característica da relação entre a hermenêutica e a Ciência da Informação. Um dos problemas da hermenêutica, verificados na literatura acerca do tema, é o “círculo vicioso”. Círculo esse que seria quebrado ou dividido em semicírculo quando da proposta de um arco, constituindo assim nova figura geométrica:

Além do zigzague, há outra figura geométrica compatível com a hermenêutica, a saber: a figura do arco, ao modo da abóbada, do arco-íris ou do arco-e-flecha, considerados tipos de semicírculo. È dela que se serve Ricoeur ao propor o arco hermenêutico, como que sugerindo que o círculo não pode ser percorrido, e que, portanto, o complemento do arco deverá ser figurado como projeção virtual. (DOMINGUES, 2004, p.542)

Nas palavras de Ricoeur (19--), a resposta para o círculo vicioso da hermenêutica estaria,

(...) entre uma interpretação ingênua e uma interpretação crítica, entre uma interpretação de superfície e uma interpretação em profundidade, aparece, então, como possível, recolocar a explicação e a interpretação num único arco hermenêutico e integrar as atitudes opostas, a explicação e a compreensão, numa concepção global da leitura como um retomar do sentido. (RICOEUR, 19--, p. 158)

As potencialidades dessa proposição hermenêutica para a Ciência da Informação ficarão aqui somente como possibilidades a serem mais bem trabalhadas em estudos posteriores. Em relação à informação da qual a Ciência da Informação se ocupa, temos, assim, uma informação que não tem caráter de transmissão da verdade ou de comunicação de fatos. De outra forma, o objeto aqui é a informação que se estrutura ou é estruturada pelos sujeitos (“divinos” ou não) e que é compreensível a outros. Dessa informação, que não é pura nem imparcial, interessam as formas pelas quais se organiza e que pode ser organizável, assim como as maneiras como é compreendida e potencialmente compreensível.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, v. 32, n.3, p.21-27, set./dez. 2003.

BRANDÃO, C. A. L. A Traduzibilidade dos conceitos: entre o visível e o dizível. In: DOMINGUES, Ivan. (Org.). **Conhecimento e Transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, v. 1, p. 41-100.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG, 2003. 1 cd-rom.

CAPURRO, R. Hermeneutics and the phenomenon of information. **Research in Philosophy and Technology**, v.19, p. 79-85, 2000.

CAPURRO, R. What is information science for? A philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds.). **Conceptions of Library and Information Science**. London: Taylor Graham 1992, p. 82-96.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. The concept of information. **Annual Review of Information Science and Technology**, v.37, Chapter 8, p. 343-411, 2003.

DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das ciências humanas**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Tomo I: Positivismo e Hermenêutica – Durkheim e Weber)

DOMINGUES, Ivan. Ética, ciência e tecnologia. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 109, p. 159- 174, Jun. 2004a.

EGAN, M. E.; SHERA, J.H. Foundations of a theory of bibliography. **Library Quarterly**, v.22, p. 125-137, Apr.1952.

EGAN, M.E; SHERA, J.H. Prolegomena to bibliographic control. **Journal of Cataloging and Classification**, v.5, n.2, p.17-19, Winter 1949.

FERNANDES, Geni Chaves. **A ameaça: tempo, memória e informação**. 2004. 303f. Tese (Doutorado em Ciência da informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa. Editora Universitária, UFPB, 2002. p.25-47.

MATHEUS, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10, n.2, p. 140-165, jul./dez. 2005.

PAIVA, Cláudio Cardoso. O campo híbrido da informação e da comunicação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa. Editora Universitária, UFPB, 2002. p.165-197.

PAIVA, Luis Henrique. **Weber e Popper: filosofia das ciências sociais**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1997.

RICHEPIN, Juan., ed. **Mitologia clásica**. 2. ed. Mexico: c1957.

RICOEUR, Paul. **Do texto a acção: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Res, [19--].

SHERA, Jesse H. "Philosophy of Librarianship". In: WEDGEWORTH, Roberto (ed). **ALA World encyclopedia of library and information services**. Chicago: ALA, 1980, p.314-317.

SHERA, Jesse. Epistemologia Social, Semântica Geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 9-12, 1977.

SHERA, Jesse. The sociological relationships of information science. **Journal of the American Society for information science**, v.22, n.1, p. 76-80, mar./apr. 1971.

SHERA, Jesse. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.87-97,1973.

SOCIEDADE BIBLICA DO BRASIL. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Ed. rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969 (impressão 1987).

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**. v.29, n.2, p.229,239, mar.1993.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2000.

ZANDONADE, Tarcísio. **As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação**. 2003. 189f. Tese (Doutorado em Ciência da informação) – Universidade de Brasília, Brasília.

ABSTRACT

This article investigates the social basis of the information science through three authors of this field: Capurro, Shera e Wersig. In each one of these authors it was searched to identify traces that contributed for the Information Science foundation as a science with social

aspects. Thus, it is followed by an epistemological nature argumentation about the possibility of being the IS a social science, advancing in the definition of its object by means of comparison with the social communication area. Finally, a last image of the metaphor order tries to locate the information science as a social science with hermeneutics characteristics.

KEYWORDS: Information Science. Epistemology. Hermeneutics,.Social Sciences.

Originais recebidos em 14/11/2006

Texto aprovado em 15/03/2007